

# A tradução de filósofos judeus

Estevan de Negreiros Ketzner<sup>1</sup>

**DOI:** 10.5281/zenodo.20691335

Cadernos Ágora, v.3 n.5 (2026)

---

**Resumo:** O artigo trata da experiência tradutória de 35 textos para a Revista Ágora Perene durante o ano de 2025. As traduções foram realizadas nas línguas inglesa, francesa e alemã e tiveram como foco os estudos judaicos (Wissenschaft des Judentums). Para tanto, a discussão acerca das traduções e suas relevâncias para o cenário da discussão atual dos estudos judaicos, escolhemos três categorias de análise, baseadas no conteúdo dos textos por nós traduzidos. As categorias são: 1 – Mística judaica; 2 – A língua hebraica diante às línguas modernas; 3 – A ética judaica. Esse trabalho tenta mostrar assim a importância da tradução para a discussão filosófica e literária, uma vez que os leitores não tendo acesso ao conteúdo do texto original podem em muito se beneficiarem com os textos traduzidos.

**Palavras-chave:** tradução; estudos judaicos; textos; categorias.

**Abstract:** This article discusses the translation experience of 35 texts for the journal Ágora Perene during the year 2025. The translations were carried out in English, French, and German and focused on Jewish studies (Wissenschaft des Judentums). To this end, in the discussion about the translations and their relevance to the current debate in Jewish studies, we chose three categories of analysis, based on the content of the texts we translated. The categories are: 1 – Jewish Mysticism; 2 – The Hebrew Language in the Face of Modern Languages; 3 – Jewish Ethics. This work attempts to show the importance of translation for philosophical and literary discussion, since readers who do not have access to the content of the original text can greatly benefit from the translated texts.

**Keywords:** translation; Jewish studies; texts; categories.

---

<sup>1</sup>estevanketzer@gmail.com

## Introdução

Esse breve relato de experiência foi desenvolvido a partir da tradução de 35 textos de filósofos judeus contemporâneos, durante o ano de 2025, para a Revista do Instituto Ágora Perene (ANEXO; INSTITUTO, 2025). As traduções realizadas foram dos seguintes autores: Gershom Scholem (8 textos), Leo Strauss (3 textos), Martin Buber (12 textos), Walter Benjamin (1 texto), Emmanuel Levinas (10 textos) e Franz Rosenzweig (1 texto)<sup>2</sup>. A ideia foi trazer novamente o interesse de um público leitor acerca dos Estudos Judaicos (*Wissenschaft des Judentums*), iniciados na Alemanha. Os estudos judaicos foram principalmente influenciados por Franz Rosenzweig em Estrela da Redenção (*Stern der Erlösung*), de 1921 (ROSENZWEIG, 2002) e por uma retomada de autores clássicos, com maior predominância de Moshe Maimônides (MAIMÔNIDES, 2018).

Não faremos uma análise pormenorizada da influência de Rosenzweig sobre esses pensadores. Para tanto, caberá espaço melhor para essa tarefa em estudos posteriores já em desenvolvimento. Nosso interesse principal é trazer à tona algumas ferramentas usadas nas traduções, as quais consideramos com elevada importância para a realização de uma discussão acerca de nosso envolvimento e sua transmissão. Elas relatam um modo de pensar judaico em uma fase de transição importante, entre o século XIX e o século XX, pouco vislumbrado ainda dentro da academia brasileira. Nós podemos dizer inclusive que os textos aqui traduzidos são a crítica do século XX aos estudos do século XIX. Os benefícios desses textos, por suas considerações filosóficas e literárias, excedem a ideia de um domínio unívoco de um campo delimitado de saber para uma apreciação integrada de conhecimentos, pois envolvem tanto antropologia quanto teologia, com o aparato da filosofia e da literatura bíblica. Talvez essa intrincada rede de saberes seja um dos principais motivos que a atividade filosófica de tais pensadores possui pouca abertura acadêmica ainda hoje. Além de terem escrito em sua maioria em língua alemã, pois nasceram na Alemanha, com exceção de Emmanuel Levinas, lituano e erradicado na França. De todos os nossos pensadores os que tiveram maior expressão foi Martin Buber, durante os anos 80 do século XX e Walter Benjamin, em algumas universidades brasileiras atualmente.

Para a presente apreciação, trabalhei nesse artigo com 3 seções e 3 categorias de análise, cuja relevância é estarem profundamente relacionadas com a cultura espiritual judaica e os embates contemporâneos de suas problemáticas: 1 – Mística judaica; 2 – A língua hebraica; 3 – A ética judaica. Nesse trabalho, a implicação sobre os 35 textos diz muito acerca de uma organização do espaço intelectual brasileiro, dominado por figuras de linhagens pós-modernas ou construtivistas<sup>3</sup>. Os autores aqui

<sup>2</sup>Ver documento ANEXO do presente artigo.

<sup>3</sup>A pesquisa realizada no bando de teses e dissertações da Capes (<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/>) analisou 5.000 teses e dissertações, a partir dos resumos de mais de 9.700 trabalhos na lista da Capes durante o ano de 2023.

traduzidos realinham o horizonte do passado sem descaracteriza-lo ou mesmo esquecê-lo como parte de sua influência direta às análises das ciências particulares as quais se dedicam. Eles transitam entre três estados da vivência judaica: religioso, filosófico e cabalístico (BIALE, 2004). Essa visão analítica, dividindo o conhecimento, para depois reorganizá-lo em uma unidade, está arraigada no pensamento judaico, à qual daremos atenção e faremos a discussão no decorrer do artigo.

### ***Mística judaica***

Quando começamos a pensar em uma mística judaica somos levados a adentrar na ideia de uma antropologia judaica, tal como tanto o modo de ser e pensar judaicos encontrado na literatura, como também o contato direto com a vida comunitária do povo judeu. Isso nos ajuda a entender necessidades reais e ao mesmo tempo sonhos que permeiam o modo judaico de ser e se expressar no mundo e, assim, alcançar a sua redenção. Muito do que entendemos por esse modo de ser e se expressar sofreu uma forte pressão para desaparecer ao longo da história, mas se manteve por tradições de eruditos dedicados ao estudo da *Torá*.

Não podemos negar a força dos judeus em seu retorno (*teschuvá*) ao judaísmo, não pelo entendimento retilíneo, como vemos na manutenção dos rituais judaicos no seio de suas famílias, mas por um amadurecimento espontâneo, tal como a busca de raízes (*makhor*) antigas. Eles se dedicaram ao aprendizado do hebraico e utilizá-lo como ferramenta em seus pensamentos, não como algo ultrapassado, porém, prático e vivo no cotidiano. Portanto, o interesse desde de cedo por Martin Buber, Gershom Scholem, Leo Strauss e Emmanuel Levinas pelas diversas fontes do judaísmo, contrasta com o surgimento de um estudo tardio em Walter Benjamin. A atração pelo judaísmo não veio de seu tempo presente, mas sim das antigas escolas que tiveram força na Idade Média e no começo da modernidade. Em todos eles, com exceção de Levinas, a Cabala aparece como a maior expressão desse retorno realizado com alto nível de erudição por eles todos<sup>4</sup>.

Não é sem menor importância o trabalho por nós traduzido de Scholem chamado “Sobre Franz Rosenzweig e Sua Familiaridade com a Literatura Cabalística”, um artigo póstumo, datilografado em alemão com anotações em hebraico, acerca de uma conferência realizada em 1980<sup>5</sup>. A importância desse artigo é muito mais acerca de lançar algumas hipóteses sobre alguns termos hebraicos recorrentes em sua obra. Em um deles eu mesmo faço uma nota explicativa, a de nº 32, a qual discu-

---

Cada resumo traz o autor, o título, a instituição de ensino e a área do conhecimento. Na maioria dos casos, a plataforma também oferece um link para a íntegra do trabalho. Os três autores mais citados na lista são: 1 - Karl Marx, com 545 citações; 2 - Michel Foucault, com 486 citações; e 3 - Paulo Freire, com 467 citações. Dos nossos autores traduzidos Walter Benjamin está na 16ª posição com 157 citações (CASTRO, 2025).

<sup>4</sup>O caso de Levinas é devido ao seu interesse pelo judaísmo lituano, sua terra natal, em que a escola *mitnagdim*, os opositores, se tornara o maior expoente do judaísmo rabínico pela leitura ostensiva do *Talmud*.

<sup>5</sup>O trabalho se encontra na Biblioteca Nacional e Universitária Judaica, Arq. 4 1599 – 277 I, 131 (SCHOLEM, 2025).

tirei brevemente aqui, acerca da dedução de Scholem: “Não tenho certeza se ele alguma vez usou a palavra *tsimtsum* ou uma contração. Eu acho que ele a usou, mas eu não juraria. Ele certamente a usou em conversas” (SCHOLEM, 2025, s/p). Minha nota no texto de Scholem (2025) “Sobre Franz Rosenzweig e Sua Familiaridade com a Literatura Cabalística” faz uso de algumas informações extratextuais de maneira a ajudar o leitor a uma compreensão adequada de como Scholem está expondo esse conteúdo. Vejamos a nota:

A impressão apressada de Scholem de fato possui fundamento, pois em carta endereçada a Rudolf Ehrenberg de 18 de novembro de 1917, Rosenzweig escreve a célula originária do que viria a ser a *Estrela da Redenção*. Acompanhemos de forma sucinta: “(...) uma interiorização de Deus que antecede não só a sua auto exteriorização, senão inclui sua mesmidade (como, pelo que sei, ensina a Cabala luriânica; alguma vez lhe falei disso.” Em ROSENZWEIG, Franz. *El Nuevo Pensamiento*. Traducción de Isidoro Reguera. Madrid: Visor, 1989, p. 25.

Portanto, a nós é licencioso salientar o quanto Scholem esteve em contato com a impressão do uso do termo *tsimtsum*, como uma inferência de leitura por parte de Rosenzweig. A Cabala luriânica, diferentemente de outros métodos cabalísticos, apresentou um entendimento muito claro da cosmologia e de um entendimento de salvação expostos com clareza por Rosenzweig em *A Estrela da Redenção*. A ideia de que após a contração de luz (*tsimtsum*) houve uma explosão dos vasos (*shev'rat kbelim*) que suportam a luz, leva a um distanciamento e a busca de uma correção (*tikun*) pela busca das faíscas sagradas (SCHOLEM, 2008). Certamente, o método cabalístico é um ponto de virada do retorno da escola alemã de estudos judaicos, uma vez que os textos estavam em hebraico e o trabalho de tradução era inédito para muitos deles, como foi o caso do livro *Bahir*, traduzido por Scholem em sua tese de doutorado em 1923.

Talvez essa importância seja premente em todo o desenvolvimento da história judaica, mas ele aqui parece ser tão importante quanto as notas de rodapé colocadas por eles em seus estudos. Eles puderam antes de tudo fazer para depois levantar a consideração sobre a real natureza da Torá e das leis ali contidas. Tal como um engenheiro que desenvolve peças a partir de princípios, mas depois essas mesmas peças são dissecadas para servirem para aprimoramentos ulteriores, sem terem de mudar o princípio de sua engenharia. Nos parece ser de grande importância o quanto esse retorno é acompanhado tanto do *Talmud* como da Cabala e seus livros fundamentais (*Bahir*, *Zohar*, *Sefer Iets'rá*) e também das outras tradições de inspiração cabalística tardias (*Likutei Amarim Tanya*).

Com o trabalho de Scholem (2009), em sua leitura do *Guia dos Perplexos* de Maimônides (2018), nós entendemos o quanto a outorga da Torá foi um evento de proporções épicas, não apenas

pelo seu significado histórico, inclusive pelo conteúdo espiritual de elevação máxima ali envolvido. O povo judeu recebeu uma restrição a qual seria um divisor de águas, tal como o recuo do Mar Vermelho (Êxodo 14:21) (TORÁ VIVA, 2012). Um evento dessa proporção é capaz de ser a justa medida para a salvação do povo judeu em um momento aflitivo, porém, é ele também um momento de resignificação de toda a trajetória judaica em busca da terra prometida (*erets Israel*), pois deve haver um código que ajude esse povo diante a nova empreitada. Aqui a busca pela liberdade se dá diante ao declínio da civilização egípcia (VOEGLEIN, 2002), o qual corrobora com a ideia de Strauss (2015), cujo escopo centra-se em uma arte de encriptação de informações para uma sobrevivência de certas ideias, portanto, sobrevivência diante a perseguições. A palavra religião (*dat*), representa muito bem esse exemplo, pois os israelitas tiveram de colocar o sangue de carneiro, portanto um sinal (*siman*), em suas portas (*dalet*) para que o anjo da morte (*tav*) não os confundisse com os egípcios. As letras *Dalet*, porta, e *Tav*, morte, representam justamente a palavra *Dat*, a qual é entendida como correlata da palavra conhecimento (*Daat*), a qual acrescenta a letra *Ayin*. *A religião é o conhecimento de Deus* (KETZER, 2024) em alguma medida.

Esse aprofundamento na outorga da *Torá* reflete o quanto a sociedade judaica foi profundamente transformada com esse fenômeno, a ponto de ser transmitida de geração a geração desde então. Aqui a tradição oral (*shebeal pe*) é correlata à tradição escrita. Uma complementa a outra, pois bebem da mesma fonte, explicam uma a outra, sendo prova da unidade intransferível desse conhecimento. Daí talvez a tradição rabínica prefira manter os rituais que foram criados para a memória (*zecher*), surgindo a *hadagá* de Pessach com um *seder*, jantar, acompanhado de *matsá*, *karpás*, o *maror*, o *charoset*, *zeroa*, *beitsa*, todos colocados no *keará* (BLASKIEVICZ; KETZER, 2022). Dessa tradição temos a *halachá* como maior expressão e o *Talmud* como um dos livros que compila a *Mishaná* e a *Guemára*.

### ***A língua hebraica***

A tradução da Bíblia hebraica para o alemão, empreendida por Martin Buber e Franz Rosenzweig, mostra uma profunda mudança na esfera da observação de elementos perdidos do hebraico para as línguas modernas. Esse feito exige uma reconstrução das palavras dentro de contextos e mesmo de ambientes sonoros e metafísicos distintos dos utilizados por nós na modernidade. Buber e Rosenzweig compreendem o quanto esse problema afeta as escolhas tradutórias. A bem de verdade, os autores observaram uma fragilidade tradutória na proposta da Bíblia alemã de Lutero. Aqui vemos um laivo de criatividade muito presente nos primeiros escritos de Martin Buber, marca sua durante todo o desenvolvimento de sua atividade intelectual. Vejamos o exemplo no seguinte artigo de Buber, com o título “Sobre a Escolha das Palavras em uma Tradução Alemã das Escrituras” (*Über die Wortwahl in*

*einer Verdeutschung der Schrift*):

A palavra comumente traduzida como “sacrifício”, *korban*, nada tem a ver com as associações geradas pela palavra alemã (que há muito perdeu a sensualidade de *offerre*) – renúncia, alienação, etc. Embora o conceito indiano de sacrifício não pressuponha necessariamente um ser a quem se faz um sacrifício, *korban* é um conceito relacional, ou seja, inclui a existência de duas pessoas, ou seja, duas das quais buscam reduzir a distância entre si “aproximando-se” da outra, “aproximando-se” dela através do *korban*, que a “aproxima” dela; assim, em alemão, *korban* não significa sacrifício, mas sim “*darnabung*” (aproximar-se) (BUBER, 2025a, s/p).

Nessa opção tradutória a ideia de o sacrifício aparecer como “aproximar-se” (*karev*), já nos coloca diante a uma forma muito inteligente de tradução do texto bíblico, sem comparação durante o seu tempo. Nós podemos observar que entre “sacrifício” (*korban*) e “aproximar-se” (*karev*) são encontradas as mesmas letras, porém, com vogais diferentes. Essa marca de concreção do trabalho tradutório, tão forte em autores como Henri Meschonnic e Haroldo de Campos (KETZER, 2016; 2024), deve ser vista aqui como um aprofundamento da tradução por elementos distantes da nossa língua. Ao levar em consideração não apenas a palavra como elemento básico e isolado, tal como vemos na dicionarização, porém, reconhece antes os elementos do próprio rito judaico. O termo “sacrifício” (*korban*) também se torna mais amplo do que o significado inicial se propõe.

Qualquer um que leia a história da rebelião de Coré e seus seguidores (4. M 16) e preste atenção ao significado de “aproximar-se” e “deixar aproximar-se” aqui apreciará o que os ecos da noção de distância e aproximação significaram para o conceito bíblico de “sacrifício”. Relacionados estão os termos para tipos de sacrifício, como o chamado “holocausto”, *ola*, e a chamada “oferta de manjares”, *mincha*; as palavras não têm nada em comum com holocaustos e alimentos. *Ola* é “a que se eleva”: “É ela que sobe alto sobre suas brasas no matadouro a noite toda até o amanhecer”, diz a passagem explicativa frequentemente mal compreendida em 3. M 6:2, ou seja, aquilo que o sacrificador, que o traz e o acende, deixa ascender ao céu na fumaça, portanto, sua oferenda ou oferta; e *mincha*, embora a etimologia possa ser contestada, pode ser entendida na esfera bíblica de ideias (para a qual a etimologia popular inferida pode às vezes ser mais útil do que a científica) como “aquilo que é conduzido”, isto é, a oferta principal ou a condução; a palavra sempre aponta para um processo entre o homem e Deus, ou pelo menos para o início desse processo pelo homem, e é importante que algo na palavra que a traduz, como “acima” ou “relação”, aponte enfaticamente para a *direção* do ato sacrificial (BUBER, 2025a, s/p).

Esse detalhe passa despercebido por vezes quando não se possui um domínio do hebraico. Os

tipos de sacrifício influenciam em muito a ideia geral que *korban* denota. O termo holocausto (*ola*) é específico para o tipo de oferta de animais, enquanto a oferta de manjares (*mincha*), como flor de farinha ou do cereal cru, o qual era tostado e esmagado, até virar farinha, e então ser transformado em pão ou bolos que eram assados no forno ou fritos no azeite. Os manjares também aparecem no azeite de oliva e o incenso era incluído.

O sacrifício é oferecido na “*misbeach*” (altar), que é chamada de “matadouro” porque o abate ocorre ali; e essa ideia, por mais dura que possa parecer a um leitor moderno, deve permanecer dominante na palavra, porque “o abate do sacrifício” é bíblicamente primário, porque bíblicamente, o abate não é feito no altar, mas sim a oferta é feita no abatedouro (BUBER, 2025a, s/p).

O altar é algo especial no mundo antigo. Ele é justamente o local em que após o sacrifício a oferta de fato acontece. Essa oferta era o modo no qual a relação entre Deus e os homens era parte do antigo pacto (*b'rit*). Aliás, é sempre em um pacto e sua renovação que os judeus voltam às suas origens e modernizam o tempo na medida que o homem moderno é capaz de escutar. Eis uma curiosa renovação, cuja manutenção já é por si só revolucionária, mas ao manter algo restaura também o esquecido (*shachuach*), por essa razão a ideia de um legado (*morashá*). O trabalho de Martin Buber nos chama atenção, em sua tradução da Bíblia Hebraica (*Tanach*), junto a Franz Rosenzweig, por ser uma forma de dar a investigação dos estudos clássicos esse ponto de ligação com a maneira moderna, cuja forma antiga de outrora parece não fazer mais sentido.

A fragrância da fumaça sacrificial é chamada de *reach nichoach*, uma frase recorrente semelhante a um refrão cuja assonância serve à sua memorabilidade de forma tão característica que a tradução alemã deve procurar criar um equivalente; *reach* é cheiro, mas o termo peculiar *nichoach*, que é usado apenas para a fragrância do sacrifício, não pode ser traduzido como “doce”; a palavra está relacionada a “descanso”, mas “calmante” também seria impreciso; o prazer deve ser incluído. Aproveite todos os momentos juntos e você terá o nosso “cheiro de conforto” (BUBER, 2025a, s/p).

A memória (*zekher*) não é algo que se consolida facilmente. O grande apreço à *Halachá* é também a tentativa da *Torá* ser escrita ser memorizada em todas as suas linhas, promovendo assim, a fisicalidade histórica do povo judeu. Nós vemos isso com a criação da Escola de Yavne, após a destruição do Segundo Templo em 70 a.C., pois surge ali a necessidade de recriar o judaísmo pela simbologia que lhe é característica. Transpor o ritual de sua consagração histórica para elementos de salvação lentos e graduais exige estabelecer uma unidade (*yibud*), com o processo. Essa tentativa de estabelecer a unidade já está no caminho de Buber em sua tradução das escrituras. Por isso o uso de paranomásias ser recorrente em sua tradução, pois estabelece um elo inaudito, embora seja sonoramente capaz de

transmitir um significado obscuro com maior relevância.

Que a aliteração das duas raízes hebraicas *ruach* [vento/espírito] e *rachef* [tremor/pairar/chocar] também tenha surgido com as duas palavras finalmente descobertas foi um presente que caiu em nosso colo. Nesse caso, teríamos que renunciar a ela, mesmo que a linha difícil, cada palavra da qual talvez nos custasse mais trabalho do que toda esta réplica, tivesse se mostrado concisa. Ao passo que, de outra forma, tivemos mais dificuldade em evitar aliterações acidentais em alemão que não eram exigidas pelo texto hebraico. O magnífico “Mesmo que o mar se enfurecesse e se agitasse” de Lutero — no caso dele, aliás, como demonstra a comparação com gravuras e manuscritos mais antigos, uma aliteração que flui de uma arte linguística consciente — não poderíamos adotar sem reservas (BUBER, 2025b, s/p).

Esse encontro sonoro da aliteração entre *ruach* e *rachef*, por exemplo, é base importante para a compreensão das paranomásias no texto hebraico. Já se ouvira falar no passado de certas dificuldades da língua hebraica por não trazer a ideia do termo “ser” (*lehayot*) conjugado na forma do presente do indicativo. Contudo, o estudo deve avançar não para as limitações, mas sim para os encontros inauditos, não pensados como articulações claras, mas intrinsecamente propostos na abordagem da língua hebraica. Som e sentido conversam de maneira integral.

A repetição é uma necessidade profunda da natureza humana; o desejo por variedade sempre surge como consequência. Nas línguas, isso se manifesta de tal forma que, em certo estágio, torna-se regra de bom estilo diferenciar a expressão sempre que possível. Então, naturalmente, desaparece a genuína diferenciação sensorial, que se torna tão absorta na percepção deste e precisamente deste processo que não pode mais descrevê-lo de outra forma senão “turvando” com o hebraico ou mesmo com o grego; em vez disso, surge a elegância da diferenciação estilística, que “traz nuvens” com o latim, que, mesmo como Padre da Igreja, ainda não nega a criação do estilo literário latino por Cícero, homem de letras. Mesmo no próprio hebraico, após os tempos bíblicos, quando se tornou uma língua literária, o aprofundamento e o fortalecimento característicos de um verbo pelo infinitivo adicionado ao mesmo verbo, que nossa tradução, da melhor forma possível em alemão, tenta reproduzir ou pelo menos sugerir, desapareceu, exceto por alguns traços (BUBER, 2025b, s/p).

Essa diferenciação estilística abordada por Buber é de extrema importância para nós. O que seria da estilística sem essas repetições? Estilística é mais do que uma mera estetização textual, ela é a própria forma de se ler um texto antigo, nas condições em que ele foi criado, de acordo com as capacidades sonoras da própria língua unida ao seu arcabouço vocabular. Essas pequenas diferenciações

sonoras podem esconder palavras que são de mesma raiz (*shoresh*) como é o caso de velho (*zekan*) e barba (*zakan*), indicando uma proximidade que diz respeito ao respeito que a velhice adquire com a barba, um sinal de sabedoria.

### ***A ética judaica***

Outro elemento de importância na execução de nossas traduções diz respeito a como a ética judaica aparece nos trabalhos como uma escolha de vida. A ética (*moussar*) princípio básico para a tomada do conhecimento, não em uma ideia de pura objetividade universal, mas na tentativa de busca do universal, ao permitir comentaristas das mais variadas asserções, quando imbuídos do estudo adequado, escreverem seus pontos de vista. Os antigos livros de comentários, tanto a *Mishná*, interpretação da *Torá*, quanto a *Guemará*, comentários jurídicos da *Torá*, foram compilados no *Talmud* por volta do século IV da era comum por Jehudá Ha-Nassi, o qual declara a necessidade das exposições desses comentários, pois são indispensáveis para a *halachá*, o código de execução das leis rabínicas, de acordo com a tradição de nossos antepassados. Essa tradição (*massoret*) se mantém com força através dos tempos pela tentativa de tornar as leis da *Torá* vivas. “Quem interpreta a *Torá* e a transmite ao povo, tem o dever de ser breve, conciso e ir diretamente ao assunto. (...) Os ensinamentos devem ser aprendidos de tal modo que penetrem no coração do ouvinte” (BUNIN, 2013, p. 20).

A ética é, portanto, o fundamento no qual toda a sociedade judaica deveria se manter observante, isto é, respeitarem e praticarem. “Amar a *Torá* ainda mais do que a Deus é precisamente acessar um Deus pessoal contra o qual se pode rebelar, isto é, por quem se pode morrer” (LEVINAS, 2025a, s/n). A ética do encontro é parte da grande busca por também atualizar a realidade de estar com alguém na busca de um contorno sensível (LEVINAS, 2008). O sensível, mais uma vez, exige o transtorno de uma indagação sobre a origem. O *Talmud* possui mais perguntas do que respostas, mas suas respostas mostram sempre as alternativas anteriores. Há uma estrutura lógica que revela a própria identidade da natureza de todas as coisas criadas, mesmo que essa estrutura não tenha ainda sido revelada ao homem. Essa certeza trazida pelo *Talmud* irradia com o filósofo lituano-francês Emmanuel Levinas e se aproxima dos fundamentos da ética.

O monoteísmo que o traz à vida – a mais perigosa, pois a mais elevada das abstrações – não consiste em preparar o homem, com todas as suas débeis imperfeições, para um encontro privado com um Deus consolador; mas em trazer a presença divina ao esforço justo e humano, como se traz a luz do dia ao olho humano, o único órgão capaz de vê-la. A visão de Deus é um ato moral. Essa ótica é uma ética. Sejamos cautelosos com os contatos diretos, que são um processo de tentativa e erro (LEVINAS, 2025b, s/p).

Levinas, ao levantar em seu livro *Difficile Liberté*, de 1976, as questões que envolvem o homem diante a Deus, apresenta sua dificuldade ao expressar a confissão (*vidui*). Levinas percebe o quanto nessa confissão o homem toma maior conhecimento sobre si mesmo. A existência toma forma de uma maneira mais moral, portanto, com o devido cuidado sobre a ideia sobre nossos julgamentos. Tal elemento vemos com forte importância quando Moisés conversa com Deus e a revelação do Nome de Deus é profunda "Eu Sou o que Sou" (Êxodo 3:14) (TORÁ VIVA, 2012). Aqui Deus se revela de maneira íntima para o até então incrédulo Moisés.

A língua hebraica e os textos aos quais ela está substancialmente ligada e que são revelados apenas por meio dela são o veículo para uma sabedoria difícil, preocupada com verdades que se correlacionam com virtudes. Essa sabedoria é tão necessária quanto o legado greco-romano. Estabelecida na Bíblia Hebraica, na Mishná e na Guemará, essa civilização construída sobre a justiça se desdobra na ciência. É tão inepto censurar essa ciência por sua meticulosidade e sutis distinções quanto seria estúpido denunciá-las na matemática. O surgimento dessa ciência é uma escola (LEVINAS, 2025b, s/p).

Esse comentário de Levinas, o qual traz o Talmud para a comunidade judaica de Paris, não especializada com o assunto em suas conferências (LEVINAS, 2004) é de suma importância para o desdobramento da ideia de virtude (*segulá*). A *Torá* eleva os valores ao mesmo tempo, pois prepara o coração e também prepara a mente humana para pensar, não apenas com um tipo de lógica única, mas com as lógicas específicas de cada sistema particular. Portanto, aprender a pensar deve estar na base de cada domínio de conhecimento. O pensamento possui seu peso devido a essa densidade de perguntas feitas e refeitas com o tempo. Esse pensamento sempre acompanhou o povo judeu pelas eras e também foi motivo tanto de encanto quanto de inveja. Como pode haver um povo que tenha esse domínio sobre o pensamento a ponto de também permitir o tempo como parte desse mesmo problema?

Assim, mesmo que seja verdade que o fato judaico existe nu, indeterminado em sua essência e chamado a escolher uma essência para si segundo a estrutura sartreana, esse fato é, em sua própria facticidade, inconcebível sem eleição. *O fato judaico não é assim porque ele estava repleto de história sagrada; ele se refere à história sagrada porque é um fato como este.* Em outras palavras, o judeu é a própria entrada do evento religioso no mundo; melhor ainda, ele é a impossibilidade de um mundo sem religião (LEVINAS, 2025c, s/p).

Ser judeu é uma responsabilidade com os limites éticos da vida, tanto a minha quanto a do outro. Deus não pode não existir nessa concepção, pois a *Torá* foi outorgada como elemento transcendente: "faremos e ouviremos" (*naa'ssê ve-nishmá*) (Êxodo 24:7) (TORÁ VIVA, 2012). O ato de

fazer é anterior ao ato de escutar. As ações devem ser eficientes e verdadeiras em meio ao tenebroso deserto e sua morte iminente diante a tentativa de sobrevivência. A condição de ser judeu no mundo é encontrar uma janela aberta, quando todas as portas estão fechadas. A ventilação mesma, cujo sentido deveria impedir a idolatria (*avodat elilim*), o antigo *páthos* grego que leva às enfermidades.

Levinas em seus textos sobre a ética traz o profetismo como parte indispensável do pensamento. Os profetas detiveram-se sobre o íntimo humano para poderem escutar a mensagem de Deus. A mensagem de Deus é um sinal sobre seus corações, pois a ida dos judeus para o culto a Baal e Asherá os fez esquecerem quem são. A percepção levinasiana da história faz proveito desse apontamento, pois ele percebe que o mundo ocidental não deveria se perder de si mesmo, uma vez que o caminho para a civilização fora tortuoso.

O que significa ser ocidental? Existe nessa fidelidade ao Ocidente a expressão de pertencer a uma forma elevada de sociedade, uma que seja mais do que uma coalizão de interesses, um agrupamento profissional ou confessional, mais do que a adesão a costumes locais, um credo filosófico ou literário, ou mesmo uma revista, um círculo de estudos, uma doutrina ‘original’, todas elas, munidas de uma razão social, citadas de acordo com os papéis do apaixonado jogo de letras na Revista ou círculo de estudos vizinho, deram a seus adeptos, colaboradores e assinantes a ilusão de entrar para a história e renovar a civilização? Leon Brunschvicg acredita na existência de uma sociedade absoluta: Galileu, Descartes, Kepler, Huyghens, Newton, Cantor, Einstein — e alguns outros. Uma sociedade composta de mentes de primeira ordem. E que todo o resto seja literatura. Ele também acha que a atividade intelectual dos membros dessa sociedade coincide exatamente com a generosidade moral e a pureza religiosa que garantem a dignidade do homem (LEVINAS, 2025d, s/p).

Não menos importante é o reconhecimento por parte de Levinas acerca da destruição do povo judeu em uma curiosa descontinuidade histórica. Quando a humanidade chega ao patamar da civilização se sente livre para não olhar mais para os erros, como se de fato tivesse vencido um inimigo. O problema com essa ideia é justamente o descuidado do Ocidente frente a uma tensão consigo mesmo, tal como em uma arrogância, cujo símbolo maior é o desprezo por tudo que lhe é diferente e, portanto, à arrogância. A ética, como substrato antropológico do ver praticado no tempo, não isolado em um ideal, mas como um dever por um saber de suma importância, o qual se difere quando levamos em conta a estrutura particular a ser examinada. Portanto, o povo judeu é parte dessa incessante perspectiva ética ao criar as condições de visibilidade e ter de lidar com um mundo que muito rapidamente obnubilará os registros do passado nessa tentativa de dar luz ao futuro.

## **Conclusão**

Esse breve trabalho apresentado com a finalidade de discutir pertinentes as traduções feitas por mim de filósofos judeus modernos, nos trouxe muito o que pensar sobre os estudos judaicos. Tais estudos hoje em grande monta nas grandes universidades do mundo carecem de mais traduções para que possamos aumentar o repertório de pensadores judeus e suas problemáticas como discussões importantes no âmbito social.

Walter Benjamin já é consagrado em grande parte da Academia brasileira, mas, infelizmente, os outros autores citados nesse trabalho carecem de maior importância e reconhecimento. Um dos desafios desse trabalho aponta acerca da negligência acerca dos problemas teológicos apontados por esses autores. A manutenção dos mesmos repertórios de autores denota preguiça e desinteresse da maior parte da Academia brasileira e da própria sociedade. Tais fatos são vistos por nós como um grande agravo na área de estudos judaicos brasileira, pois o trabalho de tradução dos autores é indispensável para aumentar o número de interessados nesses temas e, assim, haver uma discussão substancial a ponto de ser intelectualmente relevante.

Por fim, convidamos aos leitores e interlocutores desse trabalho que conheçam nossas traduções realizadas no Instituto Agora Perene ([agorap.org](http://agorap.org)) (ANEXO). Também enxergamos com bons olhos a livre iniciativa de pesquisadores não vinculados diretamente ao modelo acadêmico que possam pensar e trazerem suas contribuições para o grande público brasileiro. O interesse pelo trabalho intelectual nessa área é crescente e ainda há terreno fértil a ser desbravado quando observamos autores destituídos do devido espaço para uma recepção adequada na Academia brasileira. Nossa vontade em desenvolver esse trabalho tem nos mostrado possibilidades intelectuais inovadoras, as quais anseiam por aperfeiçoar a área de estudos judaicos no Brasil.

## **Referências**

BENJAMIN, W. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem particular. In: *Escritos sobre mito e linguagem*. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2013.

BENJAMIN, Walter. Agesilaus Santander. In: *Gesammelte Schriften VI*: Herausgegeben von Rolf Tiedemann und Hermann Schweppenhäuser. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1991, p. 521-523.

BIALE, David. *Cabala e Contra-História*: Gershom Scholem. Tradução de Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BÍBLIA Hebraica. Tradução de Davi Gorodovits e Jairo Fridlin. São Paulo: Séfer, 2006.

BLASKIEVICZ, Bruna Stall; KETZER, Estevan de Negreiros. A Ordem da Passagem: breves considerações sobre as comidas na festa judaica de pessach. *Farinha & Rapadura*, v. 1, p. 53-65, 2022.

BUBER, Martin. Über die Wortwahl in einer Verdeutschung der Schrift. In: *Martin Buber Werkausgabe 14: Schriften zur Bibelübersetzung*. München: Gütersloher Verlagshaus, 2012, pp. 68-85.

BUBER, Martin. Die Bibel auf Deutsch (gemeinsam mit Franz Rosenzweig). In: *Martin Buber Werkausgabe 14: Schriften zur Bibelübersetzung*. München: Gütersloher Verlagshaus, 2012.

BUBER, Martin. Sobre a Escolha das Palavras em Uma Tradução Alemã das Escrituras. *Instituto Agora Perene*, Rio de Janeiro, 16 mai. 2025. Disponível em: <https://agorap.org/2025/05/16/sobre-a-escolha-das-palavras-em-uma-traducao-alema-das-escrituras1/>. Acesso: 17 jul. 2025a.

BUBER, Martin. A Bíblia em Alemão. *Instituto Agora Perene*, Rio de Janeiro, 16 mai. 2025. Disponível em: <https://agorap.org/2025/07/16/a-biblia-em-alemao/>. Acesso 16 mai. 2025b.

BUNIM, Irving M. *A ética do sinai: ensinamentos dos sábios do talmud*. Tradução de Dagoberto Mensch. São Paulo: Sêfer, 2004.

CASTRO, Gabriel de Arruda. Marx, Paulo Freire e Foucault: os autores mais citados em universidades do Brasil. *Gazeta do Povo*, 26/05/2024. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/marx-paulo-freire-foucault-os-autores-mais-citados-universidades-brasil/>. Acesso em: 11 jul. 2025.

INSTITUTO Agora Perene. *Revista Agora Perene*. Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://agorap.org/revista/>. Acesso: 21 jul. 2025.

KETZER, Estevan de Negreiros. Por uma ética do ritmo: A tradu(i)ção bíblica de Henri Meschonnic. *Arquivo Maaravi*, v. 10, p. 47-61, 2016.

KETZER, Estevan de Negreiros. Muro em queda: Projeto para uma teoria da linguagem em Walter Benjamin. *Cadernos Benjaminianos*, v. 14, p. 127-138, 2019.

KETZER, Estevan de Negreiros. Luz que vem da escuridão: a leitura talmúdica de Levinas como partilha da alteridade. In: SOUZA, Ricardo Timm de; TAUCHEN, Jair; FREITAS, Isis Hochmann de; PONTEL, Evandro; PERIUS, Oneide. (Org.). *A Tentação Ancestral: A questão histórico-cultural do tema da Idolatria ao longo dos séculos e sua relevância na contemporaneidade*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2020, p. 113-129.

KETZER, Estevan de Negreiros. Apontamos preliminares para a tradução cabalística da letra Aleph. *Revista Criação & Crítica*, v. 1, p. 212-224, 2024.

LEVINAS, Emmanuel. *Difficile Liberté : essais sur le judaïsme*. Paris : Albin Michel : 1976.

LEVINAS, Emmanuel. (1968) *Quatro leituras talmúdicas*. Tradução Fabio Landa e Eva Landa. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LEVINAS, Emmanuel. (1951) *Totalidade e Infinito: ensaio sobre a exterioridade*. Tradução José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2008.

LEVINAS, Emmanuel. (1947) *Être juif: suivi d'une Lettre à Maurice Blanchot*. Paris : Éditions Payot & Rivages, 2015.

LEVINAS, Emmanuel. Amar a Torá mais do que a Deus. *Instituto Ágora Perene*, Rio de Janeiro, 23 mar. 2025. Disponível em : <https://agorap.org/2025/03/23/amar-a-tora-mais-do-que-a-deusi/>. Acesso : 25 jul. 2025a.

LEVINAS, Emmanuel. Monoteísmo Hebraico. *Instituto Ágora Perene*, Rio de Janeiro, 29 jun. 2025. Disponível em : <https://agorap.org/2025/06/29/por-um-humanismo-hebraico/>. Acesso : 25 jul. 2025b.

LEVINAS, Emmanuel. Ser Judeu. *Instituto Ágora Perene*, Rio de Janeiro, 05 mai. 2025. Disponível em : <https://agorap.org/2025/05/05/ser-judeu/>. Acesso : 25 jul. 2025c.

LEVINAS, Emmanuel. Ser Ocidental. *Instituto Ágora Perene*, Rio de Janeiro, 01 jul. 2025. Disponível em : <https://agorap.org/2025/07/01/ser-ocidental/>. Acesso : 25 jul. 2025d.

MAIMÔNIDES. *O guia dos perplexos*. Tradução de Yosef Flavio Horwitz. São Paulo: Editora Sêfer, 2018.

ROSENZWEIG, Franz. *Estrella de la Redención*. Traducción de Miguel Garcia-Baró. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1997.

SCHOLEM, Gershom. Reflections on Jewish Theology. In: *On Jews and Judaism in crisis*. Edited by Werner J. Dannhauser. New York: Schocken Books, 1976, pp. 261-298.

SCHOLEM, Gershom. *As grandes correntes da mística judaica*. Trad. Jacó Guinsburg, Dora Ruhamn, Fany Kon, Janete Meiches, Renato Mezan. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SCHOLEM, Gershom. On Franz Rosenzweig and His Familiarity with Kabbala Literature. *Naharaim*, vol. 6, n. 1, 2012, pp. 1-6. DOI 10.1515/naha-2012-0001.

SCHOLEM, Gershom. Sobre Franz Rosenzweig e Sua Familiaridade com a Literatura Cabalística. Tradução de Estevan de Negreiros Ketzer. *Instituto Ágora Perene*, Rio de Janeiro, 1 mai. 2025. Disponível em: <https://agorap.org/2025/05/11/sobre-franz-rosenzweig-e-sua-familiaridade-com-a-literatura-cabalistica1/>. Acesso: 14 jul. 2025.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Existência em Decisão*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

STRAUSS, Leo. Social Science and Humanism. In: WHITE. Leonard D. (Org.). *The State*

*of the Social Sciences*. Chicago: University of Chicago Press, 1956, pp. 415-425.

STRAUSS, Leo. The Crises of Our Time. In: SPAETH, Howard (ed.). *The Predicament of Modern Politics*. Detroit: University of Detroit Press, 1964, p. 42-54.

STRAUSS, Leo. Exoteric Teaching. Translation by Kenneth Hart Green. *Interpretation*, London, v. 14, n. 1, jan. 1986, pp. 51-60.

STRAUSS, Leo. *Perseguição e a arte de escrever*. Tradução de Hugo Langone. São Paulo: É Realizações, 2015.

TORÁ VIVA. Tradução para o inglês de Rabino Aryeh Kaplan. Tradução para o português por Adolpho Wasserman. São Paulo: Maayanot, 2012.

VOEGELIN, Eric. *As Religiões Políticas*. Tradução de Teresa Marques da Silva. Lisboa: Veja/Passagens, 2002.

**ANEXO – Traduções realizadas no site [agorap.org](http://agorap.org)**

<b>Autores</b>	<b>Nome dos artigos</b>
Gershom Scholem	<ol style="list-style-type: none"><li>1. A pesquisa sobre a Cabala: Reflexões</li><li>2. Meu caminho em direção à Cabala</li><li>3. O Potencial Poético da Cabala</li><li>4. A Doutrina Esotérica da Criação e a Merkabah no Judaísmo Pré-cabalístico: A Literatura dos Hekhaloth e o Gnosticismo Judaico</li><li>5. Sobre Franz Rosenzweig e Sua Familiaridade com a Literatura Cabalística</li><li>6. Contra o mito do diálogo judaico-alemão</li><li>7. Reflexões sobre a teologia judaica</li><li>8. Na conclusão da tradução da Bíblia por Buber</li></ol>

<b>Autores</b>	<b>Nome dos artigos</b>
Martin Buber	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Humanismo Bíblico</li><li>2. Sobre a Escolha das Palavras em uma Tradução Alemã das Escrituras</li><li>3. Mito e Judaísmo</li><li>4. A cura a partir do encontro</li><li>5. Reflexões sobre a teologia judaica</li><li>6. A Desconfiança Existencial entre o Homem e o Homem</li><li>7. A Bíblia em Alemão (junto a Franz Rosenzweig)</li><li>8. Uma tradução e uma revisão (junto a Franz Rosenzweig)</li><li>9. O Misticismo Judaico</li><li>10. O Mito dos Judeus</li><li>11. Religiosidade Judaica</li><li>12. O Deus dos Patriarcas</li></ol>
Leo Strauss	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Ensino Exotérico</li><li>2. A Crise do Nosso Tempo</li><li>3. Ciência Social e Humanismo</li></ol>

<b>Autores</b>	<b>Nome dos artigos</b>
Emmanuel Levinas	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Paul Celan: do ser ao outro</li><li>2. A atualidade de Maimônides</li><li>3. Amar a Torá mais do que a Deus</li><li>4. Ser Judeu</li><li>5. Assinatura</li><li>6. Monoteísmo e Linguagem</li><li>7. Por um humanismo hebraico</li><li>8. Ser ocidental</li><li>9. O pensamento de Martin Buber e o judaísmo contemporâneo</li><li>10. Franz Rosenzweig: o pensamento judaico moderno</li><li>11. “A Imagem de Deus” segundo Rabi Haim Voloziner</li></ol>
Walter Benjamin	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Agesilaus Santander</li></ol>
Franz Rosenzweig	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Os Construtores: Sobre a Lei</li></ol>